

**Traduzir Kleist. Exemplos e comentários.**

José Miranda Justo

FLUL, Departamento de Estudos Germanísticos

Em 1986, praticamente no início da minha actividade de tradutor, traduzi *A Marquesa de O...* e *O terramoto no Chile* para uma edição conjunta dos dois textos na Editora Antígona. Por essa altura, encontrava-me ainda longe de ter definido para a minha prática da tradução literária (e filosófica) os critérios que hoje me orientam. Preocupava-me então sobretudo com a qualidade literária do resultado tradutivo e não tanto com aquilo que hoje penso dever ser a máxima preservação possível dos caracteres funcionais do texto original.

Em 2006, no âmbito do meu interesse por um outro autor alemão aproximadamente da mesma época, procurei mostrar abertamente ao público que um tradutor, uma vez alcançado um certo nível de maturidade e uma definição explícita de novos critérios tradutológicos, pode (e, possivelmente – pelo menos em algumas circunstâncias –, deve) voltar a fazer algumas das suas traduções. Fi-lo com o texto de Novalis *A Crisandade ou a Europa*, que havia traduzido para a Hiena Editora em 1991. No final da nota bibliográfica da apresentação da tradução de 2006, escrevi que a tradução «que agora se apresenta [...] releva de critérios substancialmente diversos e não deve ser entendida como uma revisão da primeira, antes como aquilo que efectivamente é: uma nova tradução». Indicarei adiante que o mesmo deverá passar-se com os dois textos de Kleist acima mencionados.

Nos últimos meses do ano de 2008, dediquei-me ao trabalho de traduzir alguma prosa reflexiva de Heinrich von Kleist, que viria a ser publicada em 2009 pela Editora

Antígona num volume intitulado *Sobre o Teatro de Marionetas e Outros Escritos*. Entre esses «outros escritos» encontra-se o célebre ensaio «Sobre a gradual elaboração dos pensamentos no discurso» e também a «Carta de um poeta a outro», publicada por Kleist nos *Berliner Abendblätter*, em 5 de Janeiro de 1811. Se aqui menciono explicitamente estes dois textos, é porque, a meu ver, como procurei demonstrar na introdução ao volume em causa, eles contribuem decisivamente para uma compreensão da concepção que o autor tem da língua, da linguagem, do discurso, da produção imagética e do estilo literário, o que por sua vez inevitavelmente reverte sobre a tradução da prosa kleistiana.

Mais recentemente apresentei à Editora Antígona o projecto de organizar um volume de textos de Heinrich von Kleist que deverá intitular-se *Prosa Narrativa Completa*. Será um projecto para concluir possivelmente em 2014. Nele deverão incluir-se todas as «Novellen» de Kleist, e portanto também novas traduções de *A Marquesa de O...* e de *O Terramoto no Chile*. O que apresento adiante é apenas um fragmento de uma das traduções a incluir nesse volume – a do texto *Der Findling* –, acrescentando à minha tradução alguns comentários sobre certas opções tradutivas que me parecem mais marcadamente decorrentes de especificidades da prosa narrativa kleistiana.

### **O rapaz encontrado (A)**

*Antonio Piachi*, um abastado mercador de Roma, era obrigado a fazer de vez em quando grandes viagens por causa dos seus negócios. Habitualmente costumava deixar a sua jovem esposa, *Elvira*, sob a protecção de familiares dela. Uma dessas viagens levou-o até Ragusa juntamente com o filho, *Paolo*, um rapaz de onze anos que a sua primeira mulher lhe havia dado. Aconteceu que se tinha declarado aí uma doença pestilenta (B) que trazia a cidade e os arrabaldes em grande sobressalto. Piachi, a quem a notícia da doença só chegara aos ouvidos já durante a viagem, deteve-se na periferia da cidade para se informar sobre a natureza do surto. Porém, ao ouvir dizer que o mal (C) se tornava de dia para dia mais preocupante e que havia a intenção de fechar as portas da cidade, o cuidado com o filho sobrepôs-se a todos os interesses comerciais: mudou os cavalos e fez meia volta. (Kleist 2010, Bd II, 204)<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Edição utilizada: Heinrich von Kleist, *Sämtliche Werke und Briefe*, Münchner Ausgabe, auf der Grundlage der Brandenburger Ausgabe herausgegeben von Roland Reuß und Peter Staengle, Band II, Carl Hanser Verlag, München 2010.

(A) Uma das características salientes da prosa narrativa de Kleist tem directamente a ver com o grau de indeterminação em que certos aspectos da intriga são voluntariamente deixados. Por intermédio de processos vários, dos quais destacaremos adiante em particular o estilo indirecto livre, o narrador distancia-se da possibilidade de determinação de um valor absoluto de verdade em relação à interpretação de certos factos ou situações, deixando o leitor num grau elevado de tensão e indefinição a que chamaremos um *não-saber*. Até certo ponto, como procurei mostrar em outra ocasião, este não-saber é constitutivo do género «Novelle», uma vez que nele há tendencialmente uma significativa economia da caracterização das circunstâncias, em benefício da intensidade e da frequência dos «acontecimentos», em particular daqueles que marcam pontos de viragem súbitos na acção. A «objectividade» da «Novelle», a que a crítica tantas vezes se referiu, resulta dessa economia das circunstâncias e também da nebulosidade em que permanecem as eventuais motivações, psicológicas ou outras, e articula-se prioritariamente com dispositivos de distanciamento do narrador (apagamento, pelo menos momentâneo, da famosa «omnisciência do narrador»), dos quais o não-saber é porventura o mais saliente. Dir-se-ia, porém, que Kleist explora o dispositivo do não-saber de um modo particularmente sensível, porventura em conexão com aquele mecanismo de «vontade nua» que procurei captar e caracterizar num estudo precisamente intitulado «A vontade nua e a verdade do improvável», que foi publicado como introdução ao referido volume de Kleist, *Sobre o Teatro de Marionetas e Outros Escritos*.

A tradução do título desta «Novelle» deve, a meu ver, ser enquadrada na problemática do não-saber. De facto, não há, ao longo do texto, designadamente nos seus primeiros segmentos, fundamento suficiente para optar por soluções como «O órfão» ou «O enjeitado». Qualquer uma destas soluções – que efectivamente se integram na abrangência semântica da expressão «der Findling» (ou «das Findelkind»), sem no entanto a esgotarem –, implicaria uma decisão clara quanto aos antecedentes de Nicolo. Ora sucede que, sobre esses antecedentes, nada é claro nos parágrafos que se

---

seguem. Primeiro, porque o fundamental do que se refere a tais antecedentes é reportado pelo narrador numa variante do discurso indirecto livre (cf. anotação 1 do bloco seguinte), deixando a responsabilidade da veracidade das alegações na mão do próprio Nicolo. Segundo, porque, no quarto parágrafo do texto, aos responsáveis do hospital é atribuída uma expressão enigmática sobre a paternidade da personagem («daß er Gottes Sohn wäre und niemand ihn vermissen würde»). Deste modo, parece bastante mais apropriado atermo-nos à raiz lexical de «Findling», retendo na tradução a expressão «encontrado». Por fim, na opção entre «O rapaz encontrado» e «A criança encontrada», a primeira solução é decerto a mais apropriada, já que na fase inicial do texto Nicolo é sempre indicado como «Knabe» ou «Junge».

(B) A expressão usada é «eine pestartige Krankheit». Também aqui o leitor não pode adquirir imediatamente a certeza de que se trata simplesmente da «peste». Acresce que, na sequência, Piachi, precisamente porque não tem uma certeza quanto ao carácter exacto do surto, trata de informar-se «sobre a natureza» do mesmo.

(C) Sublinho: «daß das *Übel* von Tage zu Tage bedenklicher werde». Se tivermos presente o texto no seu todo, não passará despercebida esta primeira introdução, ainda que oblíqua, do tema do «Mal». A tradução adaptativa de «*Übel*» por «doença» passaria completamente ao lado de um dos traços mais característicos do texto (Cf. Alt 2008/9, 63-81, em especial 76ss.).

Já em terreno aberto, apercebeu-se de um rapaz junto à atrelagem que, à maneira dos suplicantes, estendia as mãos na sua direcção e que parecia em grande agitação de ânimo. Piachi mandou parar; e à pergunta; que queria? respondeu o rapaz, na sua inocência: fora contagiado; os beleguins perseguiram-no para o levarem para o hospital onde o pai e a mãe já haviam morrido; pedia por todos os santos que o levasse e que o não deixasse morrer na cidade (D). Ao dizer isto, segurava a mão do velho, apertava-a e beijava-a e chorava sobre ela (E). Piachi, num primeiro acesso de pavor, quis lançar o jovem para longe de si; contudo, uma vez que este, precisamente neste instante (F), mudou de cor e caiu no chão sem sentidos, a compaixão do bondoso velho despertou: apeou-se juntamente com o filho, deitou o jovem na viatura e seguiu viagem com o mesmo, embora não fizesse ideia alguma do que havia de fazer dele. (SWB, II, *ibid*)

(D) Transcrevo toda esta passagem no original: «Piachi ließ halten, und auf die Frage: was er wolle? antwortete der Knabe in seiner Unschuld: er sei angesteckt; die Häscher verfolgten ihn, um ihn ins Krankenhaus zu bringen, wo sein Vater und seine Mutter schon gestorben wären; er bitte um aller Heiligen willen, ihn mitzunehmen, und nicht in der Stadt umkommen zu lassen.» Trata-se de um óptimo exemplo da utilização particular que Kleist faz do estilo indirecto livre; na verdade, o que Kleist usa é um modo de expressão híbrido, entre discurso indirecto e estilo indirecto livre. Por exemplo, Gero von Wilpert indica que o discurso indirecto livre («erlebte Rede») é uma «forma intermédia, na 3.<sup>a</sup> pessoa do indicativo» (von Wilpert 1969, 230, tradução minha), o que obviamente não acontece neste caso, em que designadamente as formas «sei» e «wären» pertencem ao conjuntivo, típico do discurso indirecto em alemão. Por seu turno, Lázaro Carreter escreve: no «estilo indirecto livre [...] a oração [...] possui (como no estilo directo) independência tonal e sintáctica. Na escrita, costuma surgir depois de dois pontos. Não há verbo introdutor [...]; mas variam os modos e os tempos (aspecto em que partilha caracteres com o estilo indirecto).» (Lázaro Carreter 1977, 236, tradução minha). Esta definição adaptar-se-ia melhor à prática kleistiana, embora não totalmente, uma vez que nesta encontramos formas introdutórias do discurso indirecto livre: forma verbal em «antwortete der Knabe» e uma locução que substitui um verbo: «auf die Frage». Porém, há algo que inevitavelmente caracteriza o discurso *indirecto* e que decididamente não ocorre na citada passagem de Kleist: a conjunção.

Esta modalidade kleistiana da «erlebte Rede» tem um traço próprio que concorda bem com uma das observações que Paul Ricoeur faz sobre o estilo indirecto livre quando afirma que nele «o narrador curva-se ao tom da personagem» (Ricoeur 1984, 135; cf também 147, tradução minha). Por outras palavras, dir-se-ia que o narrador, na medida em que abdica do seu ponto de vista e da sua voz (tópicos caros a Ricoeur no contexto em causa), entrega-se e entrega o leitor a uma «verdade» da personagem que, poderá ou não vir a revelar-se totalmente enganosa. E é por isso que é difícil ler as palavras que Ricoeur de imediato acrescenta àquelas que citámos, sem reconhecer nelas uma profunda ironia: «O “milagre” da famosa *erlebte Rede* vem coroar

a “magia” da transparência interior.» (Ibidem).<sup>2</sup> O posterior decurso de «Der Findling» encarregar-se-á de obscurecer totalmente qualquer suposição inicial de transparência interior da personagem de Nicolo.

Do ponto de vista das opções tradutivas, não resta outra que não seja a da manutenção estrita dos caracteres do texto alemão, designadamente a não introdução da conjunção, excepto na parte final da passagem citada, em que «er bitte [...], ihn mitzunhemmen [etc.]» não admite outra tradução senão «pedia [...] que o levasse [etc.] – sendo que esta excepção não chega propriamente a sê-lo, uma vez que essa parte final ainda está na dependência de «antwortete der Knabe» e, se se introduzisse uma conjunção que constituísse de facto excepção, essa seria um «que», na expressão «que pedia». Há no entanto um traço que não deverá ter qualquer tipo de apropriação na tradução: o conjuntivo não deve ser transposto para um condicional, na suposta intenção de marcar mais nitidamente o carácter hipotético do discurso de Nicolo. Tal constituiria um caso de sobre-interpretação que introduziria uma explícita suspeita de inverdade que o original também não contém.

(E) A repetição da copulativa, sendo característica de uma «literatura menor» (como diria Deleuze), deverá ser mantida.

(F) Sublinho: «doch da *dieser*, in eben *diesem* Augenblick [...]» Deverão igualmente manter-se os valores dos deícticos de proximidade, mesmo quando o seu uso é inabitual na língua de chegada ou repetitivo, como neste caso.

A finalizar, gostaria apenas de referir que as observações que aqui apresentei sobre alguns dos problemas de tradução deste fragmento inicial de «Der Findling» resultaram, pelo menos em parte, do estímulo que recebi dos meus alunos de dois cursos de Tradução Literária (Alemão-Português), realizados em anos recentes na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Lisboa, Maio de 2011

---

<sup>2</sup> Note-se que o tratamento que Ricœur faz do estilo indirecto livre é manifestamente depreciativo quando confrontado com as modalidades estilísticas analisadas no mesmo contexto.

#### Referências bibliográficas

- Alt, Peter-André. 2008/9. «Poetische Logik verwickelter Verhältnisse. Kleist und die Register des Bösen». In: *Kleist Jahrbuch*, 2008/2009, 63-81
- Kleist, Heinrich von. 2010. *Sämtliche Werke und Briefe*. Münchner Ausgabe, auf der Grundlage der Brandenburger Ausgabe herausgegeben von Roland Reuß und Peter Staengle. Band II. München: Carl Hanser Verlag
- Lázaro Carreter, Fernando. 1977. *Diccionario de Términos Filológicos*, Madrid: Ed. Gredos
- Ricœur, Paul. 1984. *Temps et récit – II, La configuration du temps dans le récit de fiction*. Paris : Seuil
- von Wilpert, Gero. 1969. *Sachwörterbuch der Literatur*. Stuttgart: A. Kröner Verlag,